

LUZ MATINAL

PERIODICO LITTERARIO, CHISTOSO E NOTICIOSO



Orgão da Sociedade União ás Lettras

ANNO I

Aracaju, 19 de Julho de 1882.

NUMERO 5

Luz Matinal.

Ao collega do «Deserido».

—Quem é que no meio da escravidão, que mancha a face do grande império brasileiro, tornando-o inferior ás outras nações do mundo civilizado, não sente a repugnância, o horror e o desespero?

A escravidão, collega, não é couza que se descuta; é a mais triste instituição da humanidade; negra lei de nosso paiz que barbaramente arranca da alma da virgem captiva sonhos de felicidades, e da exausta fronte do manceba a esperança! — levando ao espírito os sofrimentos dantescos.

E' justo pugnarmos todos juntos, sem hesitação alguma, sem nenhuma distinção, pela liberdade do homem —que tristemente se diz escravo!

A escravidão é horrível. O dever que cada cidadão, rico ou pobre, forte ou fraco tem a cumprir perante a sua pátria, quando geme, soluça e chora, como a nossa, é sempre um dever glorioso, não só na posteridade, como também no futuro. O século actual, na phraze dos grandes críticos, é o século das revoluções. Porem, o que tem feito o Brasil de agigantado e de grande?!

Vê a luz deslumbrante da glória no futuro, vê o carro triunfal da civilização à correr para o apogeo do seu sonho, pela estrada da glória, e sempre... sempre a conservar-se inanimado!..

Por isto brada o poeta:—Desperata estatua de Rhodes! Desperta Brazil.

O teu silencio incute pavor as brancas ossadas dos martyres da independencia, que dos seus frios tumulos, talvez solucem pela tua negra sorte!

—Abula-se a escravidão.

Sciencia

Clima

Clima é propriamente o espaço comprehendido nos mappas geographicos entre dois círculos paralelos ao equador; mas, por extensão, chama-se clima uma região em que a temperatura e as outras condições da atmosphera são pouco mais ou menos as mesmas.

Os climas exercem sobre o phisico e o moral do homem uma influencia poderosa, que resulta dos effitos simultaneos da luz do calor, da electricidade, da humidade, dos ventos, das produções e natureza do terreno, da posição dos lugares, da cultura das terras, e talvez de alguns agentes não conhecidos.

Sendo os climas relativos à situação respectiva do sol e da terra, poderão ser multiplicados indefinidamente, ou pelo menos marcados por cada grau de latitude. Mas admittindo - se semelhantes divisões, os phenomenos naturaes que lhe correspondem se poderiam trocar e confundir. Não se considera por conseguinte senão tres climas principaes: quentes, temperados e frios. As regiões quentes são situadas entre os tropicos, isto é, 30° para o norte e sul do equador; os climas temperados estendem -se dos 30° ao 55° entre os tropicos e os círculos polares; e os frios dos 55° aos polos.

Adoptando estas tres grandes divisões, necessariamente arbitrárias, a influencia do clima sobre o homem, e sobre todos os productos da natureza é mui profundamente marcada. Seria muito longo este artigo, se fosse preciso seguir este observação debaixo do ponto de vista da historia natural, comparando os reinos animal, vegetal e

mineral da cada uma das tres zonas. Para me limitar ao que se percebe á primeira vista, lembrei que as regiões intertropicaes oferecem os mais bellos quadros da natureza. A zona glacial, pelo contrario, privada do sol apresenta-se bastante mesquinha, quanto ás especies viventes que nella habitan.

E' maravilhoso para o naturalista ver a especie humana habitar desde o equador até os 75° de latitudine.

Quando se reflecte que no primeiro destes climas o thermometro sobe até 35° e que no outro desce á 50° abaixo de zero, o que faz uma diferença de 85°, não se pode deixar de confessar que a organização humana é de admirável flexibilidade.

Os graus de latitudine não dão proporções de temperatura uniformes e constantes.

Assim, debaixo dos paralelos proximos ao equador, o calor varia apenas; entretanto que, a proporção que se marcha para a zona temperada e glacial, a diferença thermometrica se faz sentir em distancia mais proxima. Perto do equador são precisos cinco e dez paralelos (550 a 1100 kilometros, ou 90 a 180 leguas) para ter um grau de menos nas temperaturas médias annuas. Em França, um espaço de 90 leguas do sul ao norte dá um abaixamento thermometrico de 3°.

Depois do circulo polar, acha - se um grau de calor de menos por cada latitudine nova.

Litteratura

Duas eras.

Há na vida do poeta duas eras bem distintas: uma, é a aurora

que sorri no céo doirado das ilusões e delírios da mocidade; outra, o crepusculo, a hora escura e temerosa da alma.

A idade dos desseis annos é a aurora. O poeta tem a alma aberta às illusões, como uma flor que recebe o orvalho cristalino do céo; o poeta recebe da natureza uma grinalda de flores virginias, e um sorriso inocente—o sorriso do amor; o amor da gloria... Fitando o astro do dia, que alevanta-se no horizonte trazendo à humanidade vida e alegrias, com a alma impregnada de candura e felicidades, escreve sobre o papel, que mais tarde orvalha com lagrimas, a maior parte de seus pensamentos, de suas risenhas e puras esperanças do porvir. Seu coração palpitava em presença da placidez celestial; sua alma agitava-se a sonhar com a gloria; sua lyra suspirava tudo quanto lhe engrandece o espírito, quanto lhe ensinava a imaginação...

A vida, nessa quadra, não é sonho, é a innocencia, é a aurora no céo, é a brisa que cicia, é a natureza que canta...

Ser poeta é ter o espírito aberto às esperanças, é ter no coração um infinito de sentimentos opostos, doces e atraentes.

E o sol vai caminhando, e chega ao zenith.

A luz que projecta perpendicularmente sobre a terra, fal-o en-

carar de perto o meio em que vive, fal-o meditar no lugácal pestilento das conseqüencias sociaes.

E ahí vê o poeta a humanidade cega a rir dos espíritos bem formados, a correr através da honra, de tudo, atraç do apogeo inebriante do mundo o poder...

O joven, então, fitando o infinito, vê o sol, que esclarece, apenas, os cimos das altas montanhas, e a noite que, a pouco e pouco, vem desenrolando seu negro véu em redor da immensidão. O poeta descreve. O scepticismo faz pender sua pallida fronte às rajadas impetuosas do mundo social; e, com a fronte vergada, diz: «Massilon, só Massilon! comprehendeu o destino do genero humano.»

A unica realidade da vida é o tumulto; a materia é incompativel com a felicidade.

Um suspiro tristonho foge de seus labios, é a dor do dextro que o afoga; é a fria e desgrenhada descrença que o mata...

Quando, depois, a lua vem solitaria passando nos plainos annileos dos céos, derramando sobre o gênero humano lagrimas de dores e de saudades, divisa das alturas celestiaes uma tosca lage, fria como a estupidez, a cobrir um corpo morto esquecido na solidão!

Talvez que a lua comprehendesse alguém, a realidade daquelle e em presença do estado, gros-

seira cruz ali alçada, diga:—des-
cansa, poeta, eis teu destino!

J. P. S. LEITE.

A consciencia.

«Chaque homme a au milieu
du cœur un tribunal où il com-
mence par se juger soi-même.»

Chateaubriand.

Consciencia! é a luz do espírito que aclara a rota escura do mal e resplandece a vereda florida do bem!

Quem mais do que tu impera sobre o alma humana?

Quem diz à virgem que entra-gue seu espírito ao Altissimo e horrorize-se do mundo, este barathro cruel?

Só tu, nas horas silenciosas da noite, incuti n'alma do assassino o arrependimento do mal que perpetrhou; só tu, voando aos infinitos das amplidões, vem plantar no coração do homem uma segunda prova da immortalidade d'alma, no dizer de Chateaubriand:

Mas quem és tu que curvas a humanidade reverente sobre o altar de nossa alma?

Alguém responde:

«E's o espírito de Deus fallando no coração do homem!»

A consciencia, disse mais um

FOLHETIM

A H Y

POR

J. P. S. LEITE

III

A M O R

Aoitin era, vamos repetir, um jovem de vinte annos de idade, porte elegante, face queimada pelo ardente sol do equador e bastante intelligente. Na primavera da vida, na idade em que as illusões que suggerem-nos à mente precisam d'um peito onde possam depositar nossos delírios, d'um doce sonhar, nessa quadra tão encantadora, a fatal e infallivel lei da materia—a morte! veio gelar os membros de seu velho pai para sempre. Dura realidade. Nessa hora tristonha em que a vida

minguease, como os broxolões d'uma lampada à apagar-se, nessa hora medonha, em que o pavor grita aos ouvidos uma phraze que em si concentra o nada humano—eternidade! — o moribundo velho chaimou Aoitin ao pé de seu leito, e, com uma voz interrompida pelos solucos que o suffocava, disse-lhe: Meu filho, a morte me cha-ma.

O meu destino eil-o cumprido n'este val de lagrimas. Sinto que morro!

O mundo neste momento, nesta ultima hora de existencia para um mancebo como vós no fulgor da mocidade é um céo doirado, plácido e sublime.

Mas, continuou elle, para mim q' não tenho mais sonhos nem esperanças iucante-me até pavor! Se vêde esta lagrima rolar-me pela face é por vós que a verte minh'alma; por deixar-vos só, sem mã, nesta quadra da vida,

Todavia, se souberes praticar

como ten velho pai, se fores docil aos conselhos de todos, acharás na casa do pai de Ahy um lugar de filho.

O moribundo calou-se; a fadiga e a aancia o matava. Aoitin consternado, tomado entre ás suas a mão gelida e veneranda de seu pai, depoz n'ella um beijo, de joelhos com grande veneração, e orvalhou-a de lagrimas. Duas horas depois mais uma alma recebia da perfeita Justica Divina a sua recompensa. Aoitin estava só no mundo, não tinha ao menos um peito á quem confessar podesse os seus sofrimentos. A sua juventude havia se transformado em verilidade, onde na vida só temos um unico futuro horroroso.

—O sepulcro.

A tristeza o acabrunhava.

Decorridos quinze dias do passamento de seu pai, os qua's foram para o moço quinze séculos, o pai de Ahy offereceu-lhe, em testemunho da amizade que dedicara

escriptor, oh! quão grande cousa é a consciencia, este reflexo da Providencia divina!

Eu te adoro.

Adoro-te porque só tu, mais do que tudo, me faltas d'uma vida real, d'um mundo não sonhado ainda pelo genero humano!

Tu asseveras á alma a sua imortalidade; o tumulo não é senão o marco que separa os dois mundos; um, cheio de contradicções, misérias e dores, outro, onde o justo recebe a recompensa dos seus actos neste mundo.

Eu te amo!

A immortalidade, a certeza divina d'outra vida melhor e eterna, é o que fortalece o corpo galido do homem que atravessa a rota escura da existencia, com lagrimas nos olhos, e desespero no coração.

A eternidade é o pedestal agigantado da sublima e santa religião d'Aquelle ser infinito, mais poderoso que as furias dos elementos, mais magistoso que a verdade, mais bello que a fé.

A gloria o que é?

Responderão os blasphemadores e desesperados:

—A gloria é para o materialismo o que a eternidade é para o espiritualismo!

A gloria o que é? pergunto.

A consciencia responde.

—A gloria é a illusão da mate-

ao author de seus dias um lugar, em sua casa, de filho ao nosso jovem. Aoitin receou acceitar.

Muitas instancias, porém, e a lembrança de que lhe havia dito seu pai pretes a morrer, obrigaram-n'o a acceder.

Cinco annos decorreram e a criança contava desesete primaveras.

Foi nesta idade que, não correndo mais com a encantadora Ahy, filha de seu protector, já nito só dedicava-lhe uma amizade de irmão, como mais outra cousa — o amor!

O amor abre uma nova era na vida. Aoitin já sorria-se; já desejava viver.

O amor é um firmamento estrellado, e cada astro que além fulgura, entre as nevoas da imensidão, como que nos aponta um futuro.

Elle a amava de veras, e louco, abrazado todo inteiro nas chan-

ria, um sonho cuja realidade é zero!

Consciencial quem não te posse?

Qual a alma humana não devassada pelos teus luminosos raios da verdade?

Tu és para o espirito do justo a conselheira de sua paz; para o assassino, o tribunal horroroso que condena a alma à guilhotina.

J. P. S. LEITE.

Meia noite.

No rouquenho campanario soara meia noite

Meia noite hora de afflicção para os tristes, de recordação para os jovens que têm a alma cheia de luz, de fé, de crenças e esperanças...

Meia noite... diz o pobre recluso, ao som das badaladas do mortuário bronze, que assemelhão-se a estas horas, no silencio da noite, à pancadas n'um esquife...

Meia noite... balbucia o malvado, comprimindo a fronte, como se dentro della ardesse uma braza... como se a mão ensanguentada da consciencia projectasse descarrigar o seu certeiro golpe sobre sua cabeça...

E a hora da tristeza e da saudade; do pranto e da afflicção: eu te saúdo...

mas dos olhares negros da desenvolta criança, atreveu-se um dia a colher uma alvíssima açucena e a oferecer-lhe.

Ahy recebeu-a com um sorriso nos labios; e salvando das ondas espessas de seus cabellos pretos um formoso botão de rosa, imitou-o! O moço estremeceu ao contacto de sua mão com a da joven.

No horizonte de seu futuro brilhava uma estrella — era Ahy, o unico ente que amava no mundo.

Decorridos mais alguns dias, da scena que narramos, no mesmo lugar de quintal onde tinham, pela primeira vez, confessado-se a amarem ardenteamente; onde tinham conversado pelos olhos, porque ha momentos em que a palavra é o menos que falla, no dito de Palhares, Aoitin disse-lhe: Te amo, Ahy; e me amas tambem?

A moça estremeceu; suas faces cobriram-se d'um vivo rubor.

O joven repetiu-lhe a mesma pergunta, acrescentando: A in-

te amo, porque traz-me á mente idéas grandes, porque te destinei a comparar as grandezas do Altissimo, d'Aquelle que por sua boca nos diz: « Eu sou o Deus Todo Poderoso »; com a pequenez do genero humano que lançou ao mundo, dando-lhe toda a liberdade!

E' esta a hora da minha meditação. A hora em que fito o presente tristonho como os ultimos bruxoleios d'uma lampada prestes a morrer, e lembro-me do passado, da innocentia aurora da minha vida, d'aquelle sonho da existencia, em que, recostado no colo da minha mãe, que jaz na eternidade, eu fazia ingenuas perguntas, proprias daquella idade.

Ohi sonho doirado! que tão triste despertar! que mundo sem felicidade!

A vida, se é um sonho de venturas, limita-se á infantil.

Quando, depois desta triste despertar, eu pergunto á brisa que passava rumurejando... ao tufo empolado que rugia... ao mar que se encapelava cada vez mais... ao céo placido, sublime, doirado, que se descontinava á minha vista — por minha mãe; e tudo foi surdo á minha interrogação, quando, nem mesmo a terra que continuava em sua rotação, me respondia, éachei-me só no mundo, verti uma lagrima de saudade; e pegando na pena escrevi... não sei bem o que es-

certeza me mata, o amor me leva a sonhar com a felicidade.

A moça, pela segunda vez cravou seus bellos olhos no pavimento, e o novo silencio foi a resposta.

Aoitin empalideceu; aquelle silencio significaria um impossivel entre seus corações?

Aoitin dispôz-se e com a voz mais supplicante que interrogativa, repetio pela terceira vez a mesma pergunta, que exigia uma resposta, — ou a felicidade de Dante, subindo ao Paraíso, com Beatriz, ou a morte moral, mais horrivel que a physica.

Ahy arfou brandamente o seu seio moreno, abriu a boca... e disse:

— Não sabes? p'ra que me forças a pronunciar a palavra — amor?!

(Continua).

crevi! foi nesta hora, então, que a criança que sonhava tornou-se o homem investigador e cheio de temor a Deus!

Desde o dia fatal em que só achei-me no mundo, guardo uma hora para o meditar que conforta a matéria e a alma, a hora mais triste da natureza—meia noite!

E' por isso que eu a amo!

Mas, porque será que todos os viventes sentem tristeza a essa hora, e a qualificam de horrorosa? Porque será que a natureza soluça um hymno de dor?

Silencio! eis tudo.

O homem, que é matéria, só pode atingir à matéria, diz-me a consciencia. Todavia, ao fitarmos o palacio de Deus, todo iluminado... ao ouvirmos esta harmonia surda que entoam os cherubins do Senhor, nos espaços ethereos, o homem que pensa interroga a si mesmo: o que vejo? o que ouço? E a alma responde: Vedes as demonstrações de Deus no infinito, assim como no charco do nojento reptil ouves o hymno de louvor que disserem candidos cherubins!

E o homem ajoelha-se e rezal...

Ajoelha-se, pede a Deus a remissão de seus peccados, e quando Venus chora no espaço annileo, levanta a face humida de lagrimas.

Ajoelha-se e reza, porque acima delle reconhece um Este grandilogo, e prompto para provar a sua existencia, deseja esmagar, se é possível, o materialismo que nenhum proveito traz à humanidade...

Vêde, diz elle monologando com sigo mesmo: « Quem fez este infinito tão estrellado e puro?... essa brisa que cicia?... essa lua, retracto da tristeza, resvalando mansamente no espaço como o cysne sobre um tranquillo lago? Quem deu vida a tantos seres que existem dispersos pela natureza?»

E de novo levanta a fronte para o teatro infinito, banhando-a na luz da aurora, que vem qual virgem innocentemente soltando suas liras madeixas sobre a immensidão e recebe uma mesma impressão agradável—Deus!

E' por isso que eu amo á noite, e fitando uma estrellinha no céo, supponho ser o olho do meu irmão que de lá me vigia nesse valle de lagrimas! Mais uma cousa sugere-me á imaginação! Ao lembrar-me do meu inocente e formoso

irmãozinho, que morreu, eu pergunto a minh'alma se a morte é melhor que a vida.

E ella, com uma voz imparante, diz-me que o mundo é um sonho; a eternidade, esta palavra que gela de terror o genero humano, é sempre preferivel á vida!

Lá reina a paz, no mundo o horror, o vicio, o lupanar horripilante e o delirio; e tudo isso não só mata o corpo como enegrece a alma.

—Eu prefiro, Senhor, uma eternidade de ventura a um sonho de illusão!

.....
A pena cae me da mão... ouço o sino que bate novamente. É uma hora da manhã. O astro do dia em breve percorrerá o zenith... Durmo.

Encontro

Quando en cheguei — ella estava Debruçada n'numa mesa,
E havia tanta lindezia
Nos raios de seu olhar,
Que eu pobre e todo magoado
Fiquei — não sei se acanhado —
Somento a pude abraçar.

Foi um delirio, meu peito
Pulsava e pulsava tanto
Que não sei se havia pranto
Dos meus olhos no olhar:
Apenas cheio de medo
Pude fallar-lhe tremendo
E ella então respondendo
Acabou me de mattar.

E dizem que ainda existe
Quem contenta o coração,
Quando encontra um outro — irmão
Que brinca quando este ri!
Oh! eu não sei se é possivel
Se domar o pensamento,
Quando se tem um momento
De magestoso sentir!

Amar — é ter-se no peito
Quem bula no coração:
E sentir louca paixão,
E chorar sem se querer;
E ter-se o crâneo esmagado,
Viver-se tambem contente,
E as vezes — de repente —
Chega amar se até morrer.

10-7-1882.

C. S. A.

Logographo

(Por letras)

Substantivo	9, 6, 8, 11, 10, 9, 6, 10, 5
Adjectivo	10, 11, 4, 10, 5, 4, 3, 5
Verbo	1, 5, 10, 9, 8, 9, 11, 4
Pronome	3, 10
Adverbio	11, 8, 2, 11, 6
Conjunção	6, 3
Interjeição	1, 7, 8, 11
Interjeição	7, 8, 3
Conjunção	6, 9, 10
Adverbio	10, 11, 6
Preposição	11
Verbo	4, 2, 10, 11, 4
Adjectivo	10, 2, 8, 8, 3, 6, 2, 10, 5
Substantivo	3, 8, 3, 10, 2, 3, 9, 4, 11

CONCERTO

Cidade bem conhecida
E de mui grande valor
A historia me apresenta
Coberta de sangue e dor.

J. V. Filho.

A decifração do numero antecedente é:—Presciliiana.

ANNUNCIO

ASSIGNATURAS

NA CAPITAL

Mez	800
Folha avulsa	200

FORA DA CAPITAL

Semestre	58500
--------------------	-------

PAGAMENTOS ADIANTADOS.

A redacção da *Luz Matinal* aceita todos os artigos litterarios que lhe sejam enviados pelos assignantes, e os publicará gratuitamente, desde que os julgue convenientes.

Não se publicam artigos de polémica.

A *Luz Matinal* se publicará quatro vezes por mez. Os pagamentos serão feitos depois de se publicar o primeiro numero de cada mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção, em casa do sr. Horacio Martins de Almeida, rua da Aurora.

Typ. da «Gazeta do Aracaju Rua de Itaporanga numero 20.